

**“AS CONVICÇÕES SÃO INIMIGAS MAIS PERIGOSAS DA VERDADE DO QUE AS MENTIRAS”<sup>6</sup>: A VERDADE DE PILATOS À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Rayane Santos Dourado (UEG)

[raysdourado@gmail.com](mailto:raysdourado@gmail.com)

Viviane Faria Lopes (UEG)

[viviane.lopes@ueg.br](mailto:viviane.lopes@ueg.br)

**RESUMO**

Na ocasião do julgamento de Jesus Cristo, o governador romano Pôncio Pilatos lhe perguntou o que era a verdade, o que intrigou a muitos estudiosos a respeito da intenção desse questionamento. Dessa feita, esta análise tomou por objeto investigativo a produção fílmica “A paixão de Cristo” (2004), dirigida por Mel Gibson, com o intento de avaliar o significado do verbete em questão, segundo o cenário sociocultural dos personagens históricos apontados. Para tanto, levaram-se em conta os aspectos teóricos balizados pelos estudos da Linguística Cognitiva, principalmente em relação à categorização cognitiva e a prototipicidade da acepção linguística, tomando autores como Marcuschi (2007), Lakoff (1987) e Geeraerts (2006). Constatou-se, assim, que importa a análise da mente linguística dos comunicadores, tendo em vista que a observância do mundo que contextualiza o momento interlocutivo interfere na interpretação dos significantes emitidos e recebidos e, em consequência, nos efeitos que eles promovem.

**Palavras-chave:**

Categorização. Linguística Cognitiva. *Veritas*.

**ABSTRACT**

On the occasion of the trial of Jesus Christ, the Roman Governor Pontius Pilate asked him what truth was, which intrigued many scholars about the intention of this questioning. Due to that, this analysis took as an investigative object the filmic production “The Passion of The Christ” (2004), directed by Mel Gibson, with the intention of evaluating the meaning of the entry in question, according to the sociocultural scenario of the historical characters mentioned. To do so, theoretical aspects based on Cognitive Linguistics studies were taken into account, mainly in relation to cognitive categorization and the prototypicality of the linguistic meaning, considering authors such as Marcuschi (2007), Lakoff (1987) and Geeraerts (2006). It was verified, therefore, that the analysis of the linguistic mind of the communicators is important, considering that the observance of the world that contextualizes the interlocutory moment interferes in the interpretation of the emitted and received signifiers and, consequently, in the effects that they promote.

**Keywords:**

Categorization. Cognitive Linguistics. *Veritas*.

---

<sup>6</sup> Trecho pertencente à obra de Nietzsche (2000).

## 1. Introdução

Este trabalho pauta-se nos estudos teóricos da Linguística Cognitiva para analisar o uso significativo da palavra *veritas* (verdade), pronunciada e questionada pelo governador romano Pôncio Pilatos ao judeu Jesus Cristo, no momento em que o julgava, no séc. I a.C., antes de o condenar à crucificação. Para a coleta de dados, foi escolhido o filme “A Paixão de Cristo” (2004), produção dirigida pelo norte-americano Mel Gibson (1956), todavia, sem avaliar qualquer aspecto midiático da obra fílmica.

O intento da pesquisa voltou-se à investigação significativa do verbebe mencionado e, por isso, a escolha por uma montagem cinematográfica em detrimento dos textos bíblicos visou à exploração do vocábulo sem a interferência da ideologia de fé que perpassa os textos mencionados. Igualmente, tomar uma narrativa que, apesar de projeção fabricada, pauta-se em acontecimentos registrados – quer sejam factuais, quer sejam mitológicos –, permite que não haja a preocupação em examinar a crença que envolve o discurso – o que é necessário ao se averiguar escritos religiosos.

Desse modo, a construção do trabalho foi organizada com a finalidade de entrecorrer ao resultado proposto. Na primeira seção, a linha teórica traçada começa na divisão entre as teorias linguísticas que utilizam o estudo da cognição e o campo teórico da Linguística Cognitiva em si, sendo marcada, principalmente, pela diferenciação entre elementos linguísticos e extralinguísticos. Apesar de precipuamente não ocorrer no conceito balizador desta investigação, é encontrada em outras teorias, como o gerativismo de Noam Chomsky (1928). Por não existir essa separação na Linguística Cognitiva, fez-se necessário demonstrar como essa categorização relaciona-se aos aspectos socioculturais do mundo, bem como esses dois conceitos podem se afetar, afinal, os romanos, a exemplo, categorizavam a si mesmos e a seus costumes, como o próprio conceito de ‘honra’.

Na segunda seção, por seu turno, ocorre a análise da palavra *veritas* propriamente dita, levando em consideração, principalmente, as teorias relacionadas à cultura, cognição e linguagem. Utilizou-se uma abordagem teórico-metodológica de análise descritiva e analítica, para, a partir dessa investigação, entender quais processos cognitivos e quais aspectos socioculturais estavam presentes e moldaram a perspectiva de Pilatos no momento de sua fala.

Ainda, importa ressaltar que o presente estudo não considerou necessário apurar a comprovação histórica dos eventos envolvidos, tendo em vista que as personagens se tratam de sujeitos históricos e, de igual modo,

o uso da palavra em apreço está autenticamente representada em seu contexto de uso. Portanto, tanto o objeto selecionado quanto as personalidades que pronunciam o vocábulo averiguado são amostras adequadas para esta aferição, que buscou pautar-se no cientificismo analítico linguístico.

## 2. “*Quandi us vixit vir fuit... Quan dius vixit honeste vixit*”<sup>7</sup>

Ao dissertarem sobre o momento histórico em que o campo teórico da Linguística Cognitiva aparece, Martelotta e Palomanes (2008) elucidam sobre as outras teorias existentes, igualmente determinadas cognitivas. A fim de explicar que existem conceptualizações linguísticas que levam em consideração o pensamento em seu caráter intelectual, os linguistas em questão apontam para a existência, na verdade, de um arquipélago teórico específico oriundo desse campo investigativo.

Dentre as tantas ‘ilhas’ especulativas, para esta pesquisa importa, acima das demais, a verificação do gerativismo de Noam Chomsky, por haver demonstrado, “de modo definitivo, a importância, para a compreensão da linguagem, dos fenômenos de natureza cognitiva, ou seja, relativos ao modo como nossa mente interage com o mundo que nos cerca” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 177). Mas, apesar de possuírem similaridades, os autores citam uma diferença crucial entre o gerativismo e a Linguística Cognitiva, resumida em uma proposta que o gerativismo faz, a “de que a sintaxe é autônoma e constitui a essência da descrição linguística” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 178).

O princípio da modularidade da mente (Cf. CHOMSKY, 2000), como também é conhecido, supõe que a cognição é dividida em módulos ou partes, e que cada uma dessas ‘medidas’ é responsável pela estruturação e desenvolvimento de um só conhecimento, não interagindo com qualquer outra até o final do processo (Cf. CHOMSKY, 2006). Além disso, dentro da linguagem, de acordo com o gerativismo, a categoria sintática se qualifica por ser autônoma em relação às demais estruturas gramaticais, como a fonológica e a semântica (Cf. CHOMSKY, 1975).

Quando a Linguística Cognitiva surge, muitos estudiosos se opõem a esse entendimento de proposição distinta aos estudos até então formulados. Dentre eles, George Lakoff (1941) foi o que, em meio a outras considerações, pontuou que “parece extremamente improvável que os seres

---

<sup>7</sup> “Enquanto viveu, foi um homem... Enquanto viveu, viveu com honra” (HENZEN *et al.*, 1982).

humanos não fazem uso de capacidades cognitivas gerais na língua. É bizarro deduzir que a língua ignora o mecanismo cognitivo (...)”<sup>8</sup> (LAKOFF, 1987, p. 182, tradução nossa). Sua ponderação voltou-se a explicar que a afirmativa gerativista vem de um legado objetivista, que define a razão como algo mecânico, imparcial e inalterado, o que, em consequência, tornari a ciência linguística em uma análise equivalente à ciência matemática, com respostas puramente objetivas. Ainda, defendeu que, “considerando que a categorização entra, fundamentalmente, em todo aspecto da língua, seria muito estranho presumir que a mente, em geral, usa um tipo de categorização e que a língua usa outro completamente diferente”<sup>9</sup> (LAKOFF, 1987, p. 182, tradução nossa).

De igual modo, Geeraerts avaliou que:

[o] significado linguístico não é separado das outras formas de conhecimento do mundo que temos, e nesse sentido é enciclopédico e não-autônomo: envolve conhecimento do mundo que está integrado nas nossas outras capacidades cognitivas<sup>10</sup> (GEERAERTS, 2006, p. 5) (tradução nossa)

A noção de conhecimento enciclopédico, nesse caso, se opõe a uma ideia de conhecimento de dicionário, e é o entendimento de que uma palavra não é acessada por completo levando em conta apenas considerações sintáticas ou morfológicas: ao contrário, a total compreensão de seu significado pede por informações coletadas por outros aparelhos cognitivos, como o senso de olfato ou o entendimento geométrico (GEERAERTS, 2006). Não somente o conhecimento teórico da língua, mas os elementos presentes no mundo do falante, assim como sua própria percepção, devem ser considerados. Em adjeção, Geeraerts (2006, p. 6, tradução nossa) explica que, por isso, a Linguística Cognitiva é um modelo de gramática baseada no uso, pois “se levarmos a natureza experimental da gramática a sério, nós teremos que levar a experiência da língua a sério, e isso é a experiência do próprio uso da língua”<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> “It seems extremely unlikely that human beings do not make use of general cognitive capacities in language. It is bizarre to assume that language ignores general cognitive apparatus [...]”

<sup>9</sup> “Considering that categorization enters fundamentally into every aspect of language, it would be very strange to assume that the mind in general used one kind of categorization and that language used an entirely different one.”

<sup>10</sup> “Linguistic meaning is not separate from other forms of knowledge of the world that we have, and in that sense it is encyclopedic and non-autonomous: it involves knowledge of the world that is integrated with our other cognitive capacities.”

<sup>11</sup> “If we take the experiential nature of grammar seriously, we will have to take the actual

Ante o exposto pelos linguistas citados, avalia-se que, dentro do conceito de significado, não há necessidade para a separação entre conhecimento linguístico e extralinguístico, tendo em vista que é importante considerar todos os processos subjacentes na captação de dados de experiência, assim como sua compreensão e armazenamento. E, como esses significados só se concretizam socialmente, Martelotta e Palomanes (2008, p. 179) afirmam que “não refletem apenas o funcionamento da nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural”. Por essa linha teórica, depreende-se que linguagem, pensamento e experiência estão relacionados por um sistema.

Os estudos de Marcuschi (2007, p. 38, grifo do autor), por sua vez, consideram que, “sendo a linguagem uma faculdade humana, a língua será sempre uma forma específica de ação e cognição *situada* e não um simples sistema de representação de segunda ordem”. Ainda de acordo com o pesquisador, o conhecimento linguístico é adquirido, tendo como característica inerente apenas suas estruturas e, por ser um processo adquirido, está “condicionado pela inserção social e pelo contexto em que estamos situados” (MARCUSCHI, 2007, p. 39).

Ao falar sobre os processos inferenciais presentes na produção de sentido linguístico, Marcuschi (2007, p. 89) conclui que “não existem categorias naturais porque não existe um mundo naturalmente categorizado”. Dito isso, constata-se que as categorias existentes no universo humano, assim como a maneira que são separadas, não são um mero espelhamento da realidade, embora o argumento não seja de que esses elementos não sejam reais, mas, sim, um discurso construído. Ainda nas palavras do autor,

[o] mundo extra-mente existe, mas não de uma determinada, homogênea e única forma para todas as mentes humanas. A realidade conhecida é histórica e, coisas em que um dia se acreditou, hoje não se acredita mais. Coisas que uma comunidade distribui de uma forma, outras sociedades vêem de modo diverso. O protótipo natural ou a categoria pura é uma fantasia. (MARCUSCHI, 2007, p. 91)

Dessa feita, o linguista constata que, mais do que apenas uma equação matemática, o processamento linguístico, ao fazer parte do processamento cognitivo, é afetado e moldado pelo contexto sociocultural do falante (Cf. MARCUSCHI, 2007). Desse modo, ao mesmo passo em que a língua é afetada pelo contexto sociocultural, o contexto sociocultural

---

experience of language seriously, and that is experience of actual language use.”

também é determinado pela língua.

Em conformidade aos apontamentos analíticos de Marcuschi (2007), Holland e Quinn (1987, p. 3, tradução nossa), similarmente, afirmam que não somente são os humanos que impõem certa ordem ao mundo, como também essa ordem se torna mais aparente quando consideramos o mundo social, onde “instituições como o casamento, ações como a mentira, e costumes como o namoro acontecem porque os membros da sociedade pressupõem a sua existência<sup>12</sup>”. Além disso, essa construção cultural dos significados aponta para o grau de aceitação e compartilhamento dessas mesmas ordens pelos membros da comunidade.

Em relação aos romanos, Barton (2001) utiliza seu livro para relatar as formas em que a organização interna do povo romano se difere da organização interna do mundo ocidental atual, e como, de igual modo, distingue-se do entendimento que o mundo ocidental tem em relação a eles. A autora comenta que mesmo os que estudam sobre Roma comumente se recusam a lhes dar uma vida emocional interna profunda e rica, parcialmente pelo não entendimento das categorias presentes no mundo romano e o seu funcionamento. Nas palavras da autora, “as categorias de esclarecimento que nós achamos ser as mais estáveis e satisfatórias, mais ‘concretas’, tinham, por essa mesma razão, pouco poder de motivação para os romanos. Nós gostamos de isolar e afixar nossas motivações; os romanos gostavam que se movessem<sup>13</sup>” (BARTON, 2001, p. 3, tradução nossa).

Tais constatações, advindas das inquirições de Barton (2001), levam à compreensão de que esse cidadão não se via preso a dicotomias, nem tinha receio quanto a ambiguidades, sendo “comum que, no mundo romano, paradoxos e ambiguidades fossem usadas para apontar além do compasso das palavras, distante das amarras de um vocabulário limitado<sup>14</sup>” (Barton, 2001, p. 14, tradução nossa). Assim, constata-se que, quanto mais peso um conceito possuía dentro da cultura romana, maior ambivalência significativa a palavra que o representava exordia, e a definição do que pesava, isto é, a maneira como a categorização ocorria nessa

<sup>12</sup> “In which institutions such as marriage, deeds such as lying, and customs such as dating happen at all because the members of a society presume them to be.”

<sup>13</sup> “But the categories of explanation that we find most stable and satisfying, most “concrete,” had, for that very reason, little motive power for the Romans. We like to isolate and fix our motives; the Romans liked them to move.”

<sup>14</sup> “It often happened that, in the Roman world, paradoxes and ambiguities were used to point beyond the compass of words, past the confines of a limited vocabulary”

cultura, ainda mais se diferenciava das demais.

Conforme elucida Barton (BARTON, 2001, p. 23, tradução nossa), se “a República tinha sobrevivido e prosperado por tantos séculos (...) devia, acima de tudo, ao ‘jeito’ romano, à *disciplina Romana*, o *decorum*, aos comportamentos formalizados e ritualizados da cultura.<sup>15</sup>” Para essa civilização, a força central que mantinha a paz social era o medo da vergonha, do não cumprimento dos traços culturais que tornavam os romanos tão grandiosos (Cf. BARTON, 2001).

A esse respeito, Lemos (2010) analisa a importância dada ao código de comportamento visto por essa sociedade, que era qualificada como o pilar da grandeza da República, mesmo que pudesse ser argumentado como algo feito para e pela elite senatorial. Conforme Bond (1994) demonstra, mesmo os governadores romanos de outras províncias precisavam de agir em concordância aos costumes de seu povo, impelidos também pelo próprio sentido de identidade.

Diante disso, verifica-se que, realmente, “[a consciência romana] lida com o que, para os romanos, era a vida que importava, a importância da vida – e a importância da vida era a honra.<sup>16</sup>” (BARTON, 2001, p. XI, tradução nossa). A exemplo, Sussman (1978) aponta o lamento de Sêneca<sup>17</sup> em relação à perda dos costumes ancestrais e de como todo o povo havia sofrido com isso. Dessarte, constata-se que o entendimento romano sobre seus próprios deveres sociais atravessava a sua cultura e, por conseguinte, permeava a sua língua.

### 3. “*AD IUDICEM SIC, SED EGO APUD PARENTEM LOQUOR*”<sup>18</sup>

Esta análise tem como suporte teórico-metodológico uma abordagem de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa), pois é por meio de uma orientação criteriosa que se pode fornecer referências de uso mais determinante. Busca-se, nesse sentido, analisar os dados mediante um

---

<sup>15</sup> “That the Republic survived and flourished for so many centuries [...] was due, above all, to the Roman “way,” the *disciplina Romana*, the *decorum*, the formalized and ritualized behaviors of the culture.”

<sup>16</sup> “It deals with what, for the Romans, was the life that mattered, the life of matter—and the life of matter was honor”

<sup>17</sup> Marco Aneu Sêneca (54 a.C. – 39 d.C.) foi um afamado orador e escritor romano.

<sup>18</sup> “Nós falamos para um júri, mas eu imploro diante de um pai.” (CÍCERO, 46 a.C.).

procedimento científico e anunciar resultados significativos, já que a vantagem desse modelo de perquirição “científica abarca a pluralização das esferas de vida no que concerne ao estudo das relações comunicativas, tendo por suposto o nascimento de contrastes sociais em recentes e heterogêneas formações reflexivas (Cf. LOPES, 2020. p. 82).

Conforme alucida Leung (2005), é possível compreender que os arranjos sociais não sejam apenas signos de demarcação comunicativa, já que apresentam, de fato, uma descrição do que acontece no contexto que o ampara. Mediante uma abordagem qualitativa, a exemplo, torna-se possível assimilar como específicos grupos culturais, quando interpretados analiticamente, revelam uma prática linguística pautada na seleção de enunciados que moldam preferências cognitivas com base cultural, em um processo sistemático, concedendo valores que, apesar de particulares, agregam discursos inerentes a seu tempo (Cf. LOPES, 2020).

De fato, para Bauer e Aarts (2002), a investigação qualitativa, antes de ser um arcabouço teórico, é um avaliador da importância em se averiguar o senso comum que costuma (des)montar a realidade na qual está incorporado o objeto linguístico vasculhado. A fim de que haja melhor compreensão de um contexto de interferência, esse modelo investigativo avalia os dados colhidos para a “compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (GASKELL, 2002, p. 66).

A cinematografia abarca todo um composto de procedimentos técnicos para se fotografar e documentar uma história, projetando reproduzir, por vezes, uma narrativa aos ouvintes, desde uma simples animação – cujo intento traceja-se mais no divertimento – até uma montagem que substancia informes estribados em experiências factuais (Cf. GIANNETTI, 2008). Com uma finalidade investigativa, para escopo interpretativo desta pesquisa (Cf. GASKELL, 2002), elegeu-se como *corpus* uma obra audiovisual, a produção fílmica “A paixão de Cristo”, lançada em 2004, pela *Icon Productions*, sob a direção de Mel Columcille Gerard Gibson (A PAIXÃO..., 2004).

De narrativa bíblica, o filme pertence ao gênero drama épico, contemplando as doze horas finais de Jesus Cristo, desde sua agonia no Jardim de Getsêmani até sua crucificação e morte – apesar de, por meio de *flashbacks*, apresentar momentos de sua vida infantil e adulta (COMO “A PAIXÃO..., 2022). Os diálogos, no decorrer do longa-metragem, são



reconstruídos em aramaico, latim e hebraico, com legendas para os expectadores (COMO “A PAIXÃO..., 2022).

Para facilitar a leitura e, conseqüentemente, a análise feita, a tradução dos diálogos virão logo em seqüência à fala original, e não como nota de rodapé. Avaliemos:

(01) *Vox!* (A PAIXÃO..., 2004) – “Voz!”

Em “A paixão de Cristo”, *vox* é a primeira palavra pronunciada por Pilatos quando se posta diante do réu: um judeu qualquer, entregue às mãos do Império pelo próprio povo que o rechaça. Sangrando da cabeça aos pés, traz a pele suja, cortada em feridas, tanto que um de seus olhos já não mais se abre, de tão inchado. Tomando o protocolo de interrogação por diretriz, recebe a seguinte resposta do acusado e, em seqüência, vem sua refutação:

(02) *Ego in hoc nātus sum, ut testimoniam veritātī perhibéam. Omnēs quī veritatem audiunt, vocem meam audiunt.* (A PAIXÃO..., 2004) – “Eu vim ao mundo para isso, a fim de dar testemunho da verdade. Aqueles que ouvem a verdade ouvem a minha voz.”

(03) *Veritās. Quid est veritās?* (A PAIXÃO..., 2004) – “Verdade. O que é verdade?”

A indagação do governador romano, apesar de uma pergunta em construção enunciativa curta, carrega uma das grandes questões da humanidade: ‘O que é verdade?’ No entanto, mais do que o questionamento existencial milenar, o conteúdo da pergunta em si infere para outro ponto do diálogo: estaria Pilatos zombando da fala do interrogado ou erguendo a todos a inquietação que o termo promove quando usado?

Por não ser possível prescrutar os pensamentos do juiz, a dubiedade de seu pronunciamento permanece, dando abertura às diferentes interpretações de sua postura durante todo o julgamento. Dessa feita, ergue-se a questão de exame linguístico: como analisar o significado de uma palavra em seu uso? No momento em que o disse, da maneira em que o disse, o que a palavra significou para Pilatos (mesmo o do filme)?

Segundo argumenta Marcuschi (2007), a coerência (particularmente em textos orais dialogados face a face) é um processo de produção de sentido e, como tal, deve ser analisado em um contexto mais amplo, superando os limites de uma semântica das representações formais e os

limites da inferenciação lógica. Por isso, “[a]nalisar a inserção cognitiva no mundo mediado pela linguagem”, ele complementa, “é tentar entender como se dá a seleção de uma circunstância ou entidade do mundo como resposta adequada a um determinado estímulo linguístico” (MARCUSCHI, 2007, p. 32), no caso de Pilatos, a afirmação de seu réu. Além disso, se já se faz uma evidente adversidade comunicativa “*como* elaboramos nossos conhecimentos, (...) não é um problema menor saber como os traduzimos linguisticamente” (MARCUSCHI, 2007, p. 35, grifo do autor).

Mesmo admitindo o caráter extenso e complexo da questão, dentre outras conclusões presentes em seu livro, o linguista considera que se faz totalmente admissível a defesa da conformação que se entende, de modo a “relacionar fenômenos e não simplesmente representar mentalmente um mundo externo” (MARCUSCHI, 2007, p. 38). Importa avaliar que, “mais do que produtora de representações da realidade, a língua seria uma forma de apropriação sócio-cognitiva da realidade que se manifesta concretamente” (MARCUSCHI, 2007, p. 38), o que pauta a interpretação do discurso de Pilatos, tendo em vista a importância de se considerar tanto seu mundo simbólico quanto o concreto.

Tomando a referenciação em apreço, o exame do significado da palavra ‘verdade’ deve relacionar os conhecimentos encapsulados em seus contextos de uso, trazendo as informações “cognitivas categorizadas e organizadas” no seu cérebro e, assim, associando-as de forma apropriada (MARCUSCHI, 2007, p. 41). Diante disso, mais do que examinar a pergunta “*Quid est veritās?*” (O que é verdade?), proferida pelo governador, dever-se-ia indagar o que seria ‘verdade’ para Pilatos.

Considerando que o significado não é um produto e, sim, um construto, o falante não se torna apenas um agente estático no âmbito comunicativo, mas, ainda, um produtor de significados, que “leva em conta os dados da experiência para a construção de significação referente ao universo cultural” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2008, p. 181). Por isso, ao perguntar o que era a ‘verdade’, Pilatos não estava somente afrontando a Jesus, mas dando indícios da sua própria experiência com a palavra no meio em que cresceu e, de maneira individualizada, depreendeu.

De acordo com as pesquisas de Lakoff (1987), o pensamento é, entre outras características, imaginativo, já que vai além de um mero espelhamento literal da realidade, de modo a formar conexões e sistemas de significados que não são encontrados empiricamente da mesma maneira. Lakoff também aponta que “sempre que categorizamos algo de uma

maneira que não reflete a natureza, estamos usando capacidades humanas gerais de imaginação<sup>19</sup>” (LAKOFF, 1987, p. XIV, tradução nossa). No entanto, ao mesmo tempo em que o pensamento não reflete literalmente a natureza, ainda estará baseado no contato com o mundo real para a sua formação, visto que outra característica do pensamento é a corporização (Cf. LAKOFF, 1987). Importa que se considere que os sistemas conceituais presentes no pensamento humano surgem de experiências corpóreas, mais especificamente, posto que “o cerne dos nossos sistemas conceituais está diretamente apoiado na percepção, movimento corporal, e experiências de caráter físico e social<sup>20</sup>” (LAKOFF, 1987, p. XIV, tradução nossa).

Nomeado “realismo experiencial” ou “*experiential realism*”, esse termo concorda com o objetivismo em relação ao compromisso de considerar estável o conhecimento do mundo real e igualmente em não considerar a coerência interna como a única faceta da verdade (LAKOFF, 1987, p. XV, tradução nossa). De modo a ir contra o objetivismo ao determinar que a razão e o pensamento significativo envolvem o organismo pensante, deve-se considerar a natureza do seu corpo, suas interações com o seu ambiente e seu caráter social (Cf. LAKOFF, 1987).

Embora as lentes pelas quais se possa analisar um contexto social sejam muitas, quanto às características do pensamento linguístico, Holland e Quinn (1987) propõem o conceito de modelos culturais. Modelos culturais são modelos do mundo vastamente compartilhados pelos membros de uma sociedade, mesmo que sem a consciência ativa desses membros, e que guiam os seus comportamentos dentro de suas realidades. Eles envolvem a premissa de que cada cultura é caracterizada e diferenciada das outras por temas fundamentais, assim como o entendimento que o conhecimento cultural não é estático, mas que se estende à compreensão de certas experiências ao serem enfrentadas (Cf. HOLLAND; QUINN, 1987). Em relação à língua, as autoras avaliam que “as intuições de falantes nativos sobre a língua são profundamente dependentes das intuições desses nativos como portadores de cultura<sup>21</sup>” (HOLLAND; QUINN, 1987, p. 16,

---

<sup>19</sup> “Every time we categorize something in a way that does not mirror nature, we are using general human imaginative capacities.”

<sup>20</sup> “The core of our conceptual systems is directly grounded in perception, body movement, and experience of a physical and social character”

<sup>21</sup> “The intuitions of native speakers about their language are heavily dependent on the intuitions of these natives as culture-bearers”

tradução nossa).

No entanto, como Barton (2001, p. 70, tradução nossa) demonstra, a delimitação das categorias culturais e léxicas dentro da cultura romana se torna uma tarefa complexa quando “o pensamento dos romanos não é facilmente traduzido às categorias e linearidades do pensamento moderno ocidental, com suas dicotomias rígidas e princípios de não-contradição<sup>22</sup>”. A autora assinala que os romanos não costumavam assimilar partes a um todo, deixando os limites conceituais se sobreporem um ao outro e se acumularem sem que fossem sistematizados (Cf. BARTON, 2001), desse modo, mesmo que a palavra/ideia da ‘verdade’ possuísse diversas significações, estariam atreladas a entendimentos diferentes.

Para exemplificação analítica, Barton (2001) cita alguns deles: 1) *verus*, como adjetivo, podia ser usado como uma simples afirmativa ou, como era comum na literatura republicana, significar ‘verdade’ no sentido de firme, capaz de passar por avaliação, também associado a palavras de som e significado semelhantes, como *severe*, *persevere*, *severus*; 2) *veritas* surgiu como a abstração da qualidade do comportamento humano, como *gravitas* ou *simplicitas*, com um significado parecido ao de *severitas*, a integridade de julgamento; 3) quem começou a usar frequentemente *veritas* como a verdade abstrata foi Cícero<sup>23</sup>, embora ele ocasionalmente usasse o significado antigo de severidade e constância.

Além disso, *veritas* não só era uma das virtudes prezadas pelos romanos, conforme já indicado no evento de Sêneca, que se entristeceu diante do declínio da *veritas* dentro da sociedade romana, como a causa da queda da república, mas, também, uma virtude (Cf. SUSSMAN, 1978). Importa ressaltar que a própria escolha “do termo *veritas* (...) é curiosa. A palavra esperada seria a mais inclusiva *virtus*. No lugar, encontramos *veritas* no sentido de ‘retidão, verdade, e integridade<sup>24</sup>’” (SUSSMAN, 1978, p. 146, tradução nossa). Por isso, o uso de *veritas* por Sêneca demonstra que ele havia percebido que *virtus* já não mais representava o conjunto de qualidades morais que ele defendia e, dessa forma, esse afamado escritor

---

<sup>22</sup> “The thought of the Romans is not easily translated into the categories or linearities of modern Western thought, with its rigid dichotomies and principle of noncontradiction”.

<sup>23</sup> Marco Túlio Cícero (106 a.C. – 43 a.C.) foi escritor e político romano.

<sup>24</sup> “The choice of the term *veritas*, one which must surely reflect his father's usage, is curious. The expected word would be the more inclusive *virtus*. Instead we find *veritas* in the sense of “righteousness, truth, and integrity.”

romano pronuncia *veritas* não só como verdade, mas como o símbolo da moralidade romana, presente no *mos maiorum*<sup>25</sup>.

A esse respeito, Lemos (2010) assinala que

[...] *mos maiorum*, cujo suposto abandono foi utilizado como explicação para as convulsões vivenciadas ao longo da história do Estado romano, pode ser compreendido como um conjunto de regras de conduta, morais e políticas, não sistematizado, transmitido no seio da aristocracia senatorial tradicional. (LEMOS, 2010, p. 47)

Segundo o pesquisador, a tradição de caráter ancestral foi observada em certa medida pela aristocracia senatorial, sendo difícil precisar a agudeza e a valoração que lhe era determinada, mas sendo concebível inferir sua representação cultural (Cf. LEMOS, 2010). Afinal, a crença de Sêneca que a glória romana estava baseada em seu conjunto de valores não era nova, tendo sido “uma ideia corrente entre os autores aristocratas do século I a.C., que reaparece na produção textual do século IV d.C” (LEMOS, 2010, p. 46).

Importa observar que não só a palavra *veritas* possui significado complexo, ambíguo e dinâmico (assim como os outros conceitos que tinham peso na cultura em referência), como é também uma parte vital da identidade de Roma e, por consequência, da conformidade de Pilatos como cidadão. Quando a verdade foi proferida e associada a um estrangeiro, entregue à crucificação pelo seu próprio povo, o entendimento sociocultural do governante e juiz tomou seu lugar de destaque em sua concepção interpretativa, mesmo que inconscientemente, ativando sua resposta evasiva. Esse vocábulo, para Roma, estava carregado de uma multiplicidade de conceitos, excludentes ou não entre si, sendo um ponto essencial da identidade romana, associado com a própria honra (Cf. SUSSMAN, 1978).

Todavia, apesar dos apontamentos precedentes, não significa que a pergunta de Pilatos lhe seja uma indagação sem resposta; ao contrário, Geeraerts *et al.* (2006) propõem que não só *veritas*, para Roma, mas como todas as palavras, nas línguas como um todo, não sejam categorizadas por um conjunto de elementos que possuem características idênticas e que só pertençam àquele grupo. O significado na língua, de acordo com os autores, está baseado em um sistema de protótipos, onde os limites são enevoados, e os significados possíveis de uma palavra vindo a se organizar com diferentes graus de saliência (Cf. GEERAERTS *et al.*, 2006).

---

<sup>25</sup> “costume ancestral; tradição”.

Essa prototipicidade, por sua vez, estende-se não somente a palavras, mas a esquemas imagéticos e suas redes, o que não torna a semântica um ‘saco de significados’, mas um potencial significativo prototipicamente estruturado e sensível a contextos, afinal, “o dinamismo do significado não só implica que é fácil acrescentar novos significados ao diretório semântico de uma expressão, mas também que não deveríamos pensar dessa estrutura de significados, no geral, como estável<sup>26</sup>” (GEERAERTS et al., 2006, p. 10). Outrossim, Marcuschi (2007, p. 139) considera “que exista certa relação entre linguagem e algo externo a ela”, apesar de negar que “seja estável, pronta, universal e a mesma para todo sempre”, por isso, classificar o significado linguístico como único, reduzindo-o a categorias concretas, não é somente uma fuga do contexto original romano, como, de acordo com a Linguística Cognitiva, uma má interpretação da cognição humana.

Portanto, ainda que os elementos significativos possuam alguma semelhança entre si, com todos vindo a pertencer a uma mesma família, não necessariamente haverá um conjunto de características único e distinto que os una por completo (Cf. GEERAERTS et al., 2006). Isso posto, deve-se considerar que, por estar dentro de um costume que não categoriza as palavras de forma objetiva, a questão enunciativa permanece: “*Quid est veritās?*”.

#### **4. Considerações finais**

Diante da análise feita, é possível considerar que, como Marcuschi (2007, p. 143) afirmou, “entender é sempre entender no contexto de uma relação com o outro situado numa cultura e num tempo histórico e esta relação sempre se acha marcada por uma ação discursiva”. Tendo concluído que a mente linguística é a mesma mente que analisa o restante do mundo, assim como levado em conta a noção de que o entendimento do mundo não é somente um processo nominal ou representacional, já que precisa de inferenciação, importa considerar “que o grande defeito das reflexões sobre esses temas tenha estado em sempre pensar relações entre uma coisa e outra coisa, como se essas coisas formassem uma dicotomia e já estivessem de algum modo prontas” (MARCUSCHI, 2007, p. 143).

---

<sup>26</sup> “The dynamism of meaning does not just imply that it is easy to add new meanings to the semantic inventory of an expression, but also that we should not think of this overall structure of meanings as stable”.

Ao arrazoar sobre a reação de Pilatos, é essencial que seja observado o mundo no qual esse governante romano viveu, assim como a maneira que os elementos desse mundo eram categorizados, da mesma maneira que, para discutir qualquer outra unidade linguística em qualquer outro contexto, faz-se necessária a completa compreensão do processo de captação e categorização de dados cognitivos. Pôncio Pilatos, por ser um governador aristocrata de ordem equestre, de provável família abastada, experiência militar e contato com o imperador Tibério (Cf. BOND, 1994), estava nos círculos sociais responsáveis pela administração política e governamental de Roma, sendo possível presumir que possuía conhecimento sobre as ideias e críticas em relação ao Império, especialmente quando eram reverberadas pelas maiores mentes pensantes, também de origem aristocrática, de sua época. Assim, mesmo sem levar em consideração a ideia da queda da república, como cidadão romano estava tão atrelado à identidade cultural de Roma quanto as pessoas ao seu redor e teria conhecimento sobre *veritas* como valor importante, além de todas as outras significações especificadas anteriormente.

Dessa forma, constata-se que o entendimento que os romanos possuíam em relação à própria existência e aos elementos abstratos do mundo, em muito se diferem desse mesmo entendimento na cultura ocidental. Levando em conta a importância da honra na identidade romana, assim como associando a ‘verdade’ como parte dela, a reação de Pilatos toma outra forma, e a sua pergunta passa de uma reação impulsiva frente ao comentário ousado de um acusado a uma amostra do mundo linguístico indomável e profundo de sua cultura. Afinal, se a verdade tem as convicções como inimigas de maior pujança em relação às próprias mentiras, ‘dar testemunho dela’, igualmente, retoma sua complexidade interpretativa e reforça que os vocábulos sejam uma ferramenta para a melhor compreensão da prototipicidade inerente ao significado que comportam.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTON, Carlin A. *Roman Honor: The Fire in the Bones*. Berkeley, Los Angeles, and London: University of California Press, 2001.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. p. 39-63

BOND, Helen Katharine. *Pontius Pilate in History and Interpretation*. Thesis (Doctor of Philosophy) – Durham University, Course in Department of Theology, Graduate Program in Philosophy, Durham-North Carolina, 1994. 259p.

CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Arménio Amado, 1975.

\_\_\_\_\_. *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. *Sobre a natureza e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CÍCERO, Marco Túlio. *Defesa de Ligário*. Trad. de Adriano Scatolin. São Paulo: Mandamu, 2023.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. p. 64-89

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

GIANNETTI, Louis. *Understanding Movies*. Toronto: Pearson Prentice Hall, 2008.

HENZEN, Wilhem; ROSSI, Giovanni; BORMAN, Eugene; HULSEN, Christian. *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Berlin: G. Reimer, 1882.

HOLLAND, Dorothy; QUINN, Naomi. *Cultural models in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEMOES, Márcia Santos. O ‘mos maiorum’ e a fortuna do Império Romano no século IV d.C. *Dimensões, Revista de História da UFES*, v. 25, p. 46-62. Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo, 2010. Semestral. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3637554>. Acesso em: 21 jan. 2023.

CONSTANTE, Leung. Convivial communication: recontextualising communicative competence. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 15, n. 2, p. 119-44. New Jersey: John Wiley & Sons, 2005. Disponível em: *International Journal of Applied Linguistics*: v. 15, no. 2 (wiley.com). Acesso em: 21 de jan. 2023.



*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

LOPES, Viviane Faria. *O poder da renúncia sublimado no discurso: análise crítica de correspondências históricas*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, M.E. *et al. Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 176-92

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

STEINBECK, John. *A leste do Éden*. Rio de Janeiro: Record, 1952.

SUSSMAN, Lewis A. *The Elder Seneca*. Leiden: Brill, 1978.

Outras fontes:

A PAIXÃO de Cristo. Direção: Mel Gibson. Estados Unidos: Newmarket Films, 2004. 1 DVD (127 min), widescreen, color.

Cono “A Paixão de Cristo” se tornou um dos filmes mais polêmicos de Hollywood. *UOL. AH Aventuras na História*. 17 abr. de 2022. Disponível em: Como “A Paixão de Cristo” se tornou um dos mais polêmicos filmes de Hollywood (uol.com.br). Acesso em: 21 de jan. 2023.